

✦ Roma como sistema de ruínas

Prof. Dr. Armando Gnisci

Università degli Studi di Roma-"La Sapienza"

Tradução Profa. Dra. Rita Marnoto- Universidade de Coimbra

"[...] A nossa república não saíra do engenho de um só, mas de muitos, e não foi construída apenas na vida de um homem, mas durante alguns séculos e gerações."

Cícero

"Todos os homens têm uma secreta atracção pelas ruínas."

R. Chateaubriand

"A vida é construção, reconstrução."

Paul Valéry

A ideia de Roma como sistema de ruínas apresenta-se, mal a altissonância do título nos deixa retomar o fôlego, como um paradoxo. O motivo que parece desencadear essa impressão paradoxal reside, não tanto no facto de uma cidade poder ser concebida enquanto sistema[1], como na proposta de acordo com a qual será possível pensar um "sistema de ruínas", fazendo-o coincidir, além do mais, com a imagem de uma cidade, à semelhança do que parece acontecer nos processos individuados pela fórmula sintética das "estruturas dissipativas" (ordem que se produz através da dissipação e do caos), na nova teoria acerca da evolução da natureza de Ilya Prigogine e Isabelle Stengers. Trata-se, por consequência, de um duplo paradoxo, pelo que se mostra absolutamente necessário iluminá-lo, desde já, com alguns argumentos sensatos e, se possível, não contraditórios.

O cerne do paradoxo — e é de toda a conveniência avançar, desde já, para o cerne — reside na estreita relação de parentesco semântico, que pode chegar a parecer uma verdadeira e uma própria coincidência, entre a ideia de sistema e a ideia de forma perfeita e ideal, ou mesmo de beleza. Como diz Leon Battista Alberti no nono livro do *De re aedificatoria*, a beleza é um sistema[2]. Parentesco harmonioso, canonizado, na época moderna, pelo Renascimento italiano, ao qual estamos, hoje, habituados, quando pensamos, e até na nossa experiência quotidiana. Como é possível, então, conceber enquanto sistema aquilo que se apresenta, em termos imediatos, precisamente como o oposto da harmonia e da estrutura perfeita e inata que exprime e mostra a beleza, ou seja, "a acumulação de detritos" da cidade imperial[3]? E mais, como é possível pensar em semelhante contradição, real e, aparentemente, inextricável, a propósito de uma cidade que é o lugar máximo da realidade moderna?

É possível pensar numa cidade como sistema de ruínas se se pensa e se se vive em Roma. Onde pensar e viver formam, de modo não contraditório, uma trama inextricável de condição "transcendental" e de determinação existencial, que se implicam mutuamente. Dentro do Mercado de Trajano, funciona uma escola do ensino básico.

A resposta às inquietantes questões acerca do paradoxo inicial parece residir nesse nó, no facto de se ter optado por considerar esta cidade a partir do modo como ela é pensada enquanto vivida. A resposta consiste em pensá-la, vivendo-a, vivendo nela. A resposta reside, literalmente, naquele que vive, no vivente. Só assim, de facto — num instante de fulgor, ou ao longo de toda uma vida de dedicação —, será possível intuir a nossa relação, vital e pensável, a nossa experiência não museológica, não erudita, não livresca, não espectacular, do antigo. Em poucas palavras, o sentido da com-pertença e da com-

evolução. A mesma coisa que um poeta que, ainda hoje, não é particularmente apreciado, Ugo Foscolo, designou, com palavras de 1806, a "celestes correspondência dos sentidos amorosos"[4].

Posto isto, talvez possamos dizer que o título, "Roma como sistema de ruínas", quer significar, propriamente, que Roma é um sistema vivente das ruínas. Esta explicitação atributiva, à qual tão rapidamente chegámos, não sobrecarrega de contradições o meu ponto de partida, mas sobredetermina-lhe o sentido — pelo menos, assim espero. Vejamos como.

A maior ruína de Roma, persistente, universalmente reconhecida, é, sem dúvida, o Coliseu. A palavra "Coliseu" vem do grego "kolossos"[5], que não significa, originariamente, gigantesco, de grande tamanho, colossal. Provindo antes de uma raiz "kol-", remete, diversamente, para a ideia de algo erecto, que está de pé (a coluna), e continua a estar. E não só, mas também a viver.

Pelo contrário, a ruína romana menos "erecta" que exista é o Circo Máximo. Esse grande buraco antigo dentro da cidade, que tem o tráfico automóvel a deslizar, mesmo ali ao lado, sem o ver, é uma ruína sem ruínas, que desenha, dentro do tecido urbano, um espaço absolutamente admirável e único, tanto quanto o é o do Coliseu. Representa o espaço que se tornou lugar invisível, inabitável, invisível, e que apenas permanece experienciável na sua pureza vácuca, como forma desenhada da subtracção, do acaso, do vazio e do aberto. No seu recinto, o espaço não voltou a ficar em posse e sob domínio da natureza, por incúria material e esquecimento cultural. Natureza e história foram mantidas como que suspensas, numa pausa "por tempo indeterminado", que representa, contemporaneamente, uma dimensão diversa e muito particular do espaço-tempo. Se alguém se decide a atravessá-lo — e, para o atravessar, é preciso tomar uma verdadeira e própria decisão, de manhãzinha cedo, preferencialmente —, sente-o e experimenta-o como o limite extremo da espacialidade histórica do Ocidente. Apresenta-se como a pura forma de tudo aquilo que se tornou ruína última, resíduo final do arruinamento que se transformou em decalque vazio e lugar vasto, dentro da cerca do apinhado e da história, do tempo e do presente. O Circo Máximo é o decalque aberto que se torna pura forma da ruína, especular para todo o sistema sobrevivente das ruínas que se continuam a erguer. É a ruína mais arruinada, reduzida ao seu extremo, que, dentro do sistema de ruínas, funciona como sinal do lugar, enquanto espaço vazio esvaziado pelo tempo e mantido para sempre como tal, ruína das ruínas que se tornou pura forma do espaço, "forma loci". Um lugar que é possível conceber como avesso do monumento, como uma obra de arte produzida pela história por subtracção de matéria. Não uma obra de arte conservada, apesar da "sofreguidão do tempo", mas um edifício completamente arruinado pela vivência temporal e por ela assim transformado em puro espaço estético. Um lugar que é extraordinariamente experienciável, mesmo na sua absoluta monumentalidade invisível.

O Coliseu e o Circo Máximo representam os dois confins do sistema complexo das ruínas romanas, desde a forma pura da erecção que persiste, até à forma total e extrema da ruína como vazio desenhado. No centro, poderíamos situar, idealmente, o Pantéon, templo de todos os deuses, igreja católica dedicada a Todos os Santos e capela sepulcral dos Reis de Itália. E a Praça Navona. A diferença do Circo Máximo, com capacidade para acolher cerca de 300.000 espectadores, no tempo de Dioclesiano, e onde se travavam verdadeiras e próprias batalhas fingidas, como a que César quis fazer em 46 a. C., o antigo estádio de Domiciano tornou-se uma completa e harmoniosa exposição do Barroco romano. Mas essa harmonia só foi possível em virtude da forma antiga que se vê, "en creux", como recolhimento espacial e disposição volumétrica adensada por edifícios e monumentos modernos. A Praça Navona é pura forma do decalque, um esqueleto com ar antigo encarnado pela construção histórica.

No meio da área "ideal", representada por esses monumentos e patente em toda a parte, estende-se a variedade da sobrevivência das ruínas que ficam fechadas na eterna persistência significada pelo edifício com buracos e pelo campo aberto no vazio. Assim vive e continua a viver Roma, por dentro das suas ruínas, que são, ao mesmo tempo, elementos de construção, lugar para habitar, base, mais ou menos abusiva, de elevações, estrada que continua a ser batida, traçado ainda hoje percorrido, lugar continuamente reusado, perímetro antigo estratificado e ultrapassado no percurso, trânsito, convocação, entrave, engarrafamento, experiência da forma da erecção e do vazio.

Mas Roma também tem uma ruína especular total fora de si, a Vila Tiburtina, que o imperador Adriano

quis, como realização de uma ideia extraordinária, a de uma cidade habitada por um único homem, cujo sistema de edifícios, de ruas, de águas e de todos os monumentos, recolhesse e congregasse as funções de cidade, vila, museu, habitação, teatro de toda uma civilização, fechadas numa obra sintética espectacular urbana, que representa o condensado do Império, o avesso de Roma e o seu duplo.

O avesso, porque essa vila-cidade-museu é uma obra urbana sintética, construída por vontade e para amparo de um único homem e do seu excelso poder, o "imperium". Uma grande construção do imaginário e da vontade de um indivíduo, e não uma cidade edificada, arruinada, modificada e reconstruída, ao longo dos séculos, por milhões de humanos, por inúmeras vontades e pelo acaso. O duplo, porque essa vila de ruínas representa a imagem paralela do eterno urbano, que encontra em Roma o outro pólo significativo. Se Roma testemunha a eternidade porque vive e sobrevive sobre as próprias ruínas ao longo dos séculos, a Vila Adriana é a ruína do sistema ideal de uma cidade feita de uma só vez, de uma vez por todas e para sempre, em virtude de uma única decisão, é a ruína ideal. Enquanto ruína acabada, testemunha na eternidade aquela decisão que se tornou obra urbana-extraurbana única e admirável. Embora arruinada para sempre, a Vila Adriana representa a forma perfeita, paralela e especular, de uma outra ideia de Roma, a Roma de um só habitante. Ou melhor, do único cidadão romano e do mundo que podia pensar e decidir construir e possuir uma cidade ideal, na forma de uma Roma real, só para ele próprio, o imperador. A Vila Adriana é o maior sonho e a mais perfeita realização daquilo que entendemos por poder imperial, encarnado pela vontade precisa e pessoal de um imperador. O maior "sinal" imperial e mundano, imaginável e concreto, sonhado, mas decidido e edificado. "Imperare" significa, de facto, poder no máximo grau. O máximo grau do poder, para o homem, consiste em decidir, realizar e usufruir de uma obra imaginada e desejada, verificar, no sentido de tornar verdadeiro, unificando imaginação e realidade mediante a concepção absolutamente mundana do poder e dos seus limites. Conquistar territórios e fundar cidades são manifestações sumas, mas não representam o topo do poder. Os territórios e as populações preexistem, contudo, à vontade do conquistador, e não podem ser feitos prisioneiros para sempre. As cidades serão edificadas, modificadas e destruídas, por infinitos outros e pelo tempo. Do seu fundador, conservarão, no máximo, o nome. O limite extremo do poder, na acabada excelência da imperialidade, é representado pela concepção de construir uma cidade, imaginária e única, unicamente para si, uma Roma pessoal e perfeita, simultânea e acabada desde o início e de uma vez por todas. Uma vez que deixe de ser habitada pelo seu imperador, tornar-se-á inabitável e in-hereditária, uma ruína perfeita, para sempre fruível, perfeitamente, como ruína. O contrário e o exorcismo absolutos da decadência e da queda do "império" romano. O contrário da cidade de Roma e o seu espelho, diversamente, mas também assim, "eterna". Nela, o máximo poder da mundanidade desposa a máxima mundanidade do poder — outra coisa não é a ideia e o sentido da palavra império, realizados, de uma vez por todas, num portador histórico, o imperador Adriano.

A Vila Adriana é a outra face da imperialidade e da eternidade de Roma e do Império romano. A Urbe não é concebível sem a presença especular da Vila, e a Vila, "lugar único" no mundo, como diz Yourcenar, só teria sentido como duplo "ideal" da Urbe, manifestação concreta do mais alto poder que o homem pôde conceber e realizar. Se Roma tem fundadores míticos e, como diz Cícero, "[...] a nossa república não saíra do engenho de um só, mas de muitos, e não foi construída apenas na vida de um homem, mas durante alguns séculos e gerações"[6], a Vila Adriana é a imagem perfeita de uma Roma imaginada e realizada por um único homem, pela sua vontade, pelo seu poder e pela sua cultura. Roma pensada e realizada toda de uma vez e para sempre, imutável pela parte de outras vontades, como vila-cidade-museu habitável. No fundo, o sonho de cada romano e de cada cidadão do mundo, quando imagina Roma para si.

Ambas, Roma e a Vila Adriana, se continuam a espelhar na sua extraordinária e complementar eternidade, uma intemporal, a outra puramente imperial. E ambas sonham uma com a outra. Roma, com ser perfeita e nunca destronada do seu império, como a Vila Adriana. A Vila Adriana, com ser viva como Roma. Ambas são manifestações e bitolas mundanas da ideia perfeita e histórica do eterno terrestre que nós, humanos, só de nelas pensarmos, conseguimos conceber. A eternidade da vida das nações, conforme dizia Vico.

O filósofo alemão Georg Simmel, num magnífico ensaio de 1919, intitulado, Die Ruine, A ruína, reconhece nas ruínas o momento catastrófico em que o equilíbrio do edifício arquitectónico, entre

espírito e natureza, se desfaz, inclinando-se para a natureza:

Esse singular equilíbrio entre a matéria mecânica, pesada, que se opõe, passiva, à pressão, e a espiritualidade formativa que puxa para cima e se quebra no instante em que a construção fica em ruínas. De facto, isso não significa outra coisa se não que as forças meramente naturais se começam a apoderar da obra humana. A equação entre natureza e espírito, representada pelo edifício, desloca-se a favor da natureza. Essa deslocação resolve-se numa tragicidade cósmica, que, pelo modo como a sentimos, coloca cada ruína na sombra da melancolia. Então, a decadência parece ser uma vingança da própria natureza, pela violência que o espírito lhe inculcou, formando-a à sua própria imagem.[7]

Essa melancolia, prossegue Simmel, serve de preâmbulo à atmosfera de paz que

Circunda a ruína, [...] é a sede da vida da qual a vida se despediu. [...] A ruína cria a forma presente de uma vida passada, não com base nos seus conteúdos ou nos seus restos, mas com base no seu passado, enquanto tal. Também é esse o fascínio das antiguidades.[8]

Nada disso acontece em Roma. Em Roma, as ruínas não têm paz e não a dão. A queda de Roma não é "repouso do mundo", como queria o Verri de Le notti romane, As noites romanas, mas tão só um episódio, embora crucial, da história de Roma e do seu trabalho incessante. Em Roma, a natureza não venceu o espírito, dado que o espírito continuou a viver através do tempo, e as obras dos humanos através do contínuo reuso e abuso, através da inexausta e, ao que parece, inesgotável, urbanização da orbe, como já o tinha visto o olhar de Cláudio Rutílio Namaciano.

Em Roma, a vida não parou nem se despediu, porque, como dizia o nosso mestre e amigo, Gioacchino Belli, não há uma Roma Antiga e uma Roma moderna:

"dentro do mundo há então duas Romas?!"

quê, só uma, antiga e moderna.[9]

A eternidade de Roma talvez consista mesmo nessa extraordinária e incessante sobrevivência. Viver através de e, continuamente, sobre o vivido, viver mediante, a partir do, do, pelo, vivido vivente[10], e adestrar os viventes na pertença comum ao passado. Nesse sentido, Roma é capital do mundo, não por ser a cidade mais importante, mais bela, mais grandiosa, mais cosmopolita, mais central, mais moderna, mas porque é a mais mundana, a que une o passado ao presente dentro do seu modo de ser e de viver. Aquela que, única no mundo, permite a quem quer que seja esta experiência, para além de toda a espectacularização e de toda a museificação do passado. Roma é a capital do mundo do tempo. O testemunho — de uma vez por todas, mas sem excluir as outras vezes — da translação do centro do mundo, da cidade de Deus, Jerusalém, para a dos homens. Pelo menos, para os povos do Mediterrâneo e do Ocidente euro-asiático.

Talvez mais do que todos, tenham sentido esse carácter de eternidade vivente e sobrevivente de Roma, o olhar de Henry James que lê a parede posterior do Capitólio e a memória do imperador Adriano, reconstruída por Margerite Yourcenar. Ouçamos os dois textos:

As vossas desiludidas esperanças no sublime voltam a despertar, pelo menos em parte, passando para além do palácio, e escolhendo, ao acaso, uma das duas rampas curvas que descem para o Fórum. Ali, poder-se-ão dar conta de que o pequeno edifício com estuques não é mais do que uma excrecência moderna que surge sobre o poderoso bastião de uma construção antiga, cujos grandes blocos de tufo poroso, que constituem a sua base, parecem quase regressar à primitiva, tirânica, coesão com a rocha

virgem. Há algo de simultaneamente prodigioso e bizarro, na união entre essa supraestrutura delicada, cuja fachada, comparativamente, se pode considerar moderna, e as fundações venerandas, profundamente radicadas no terreno. Poucas coisas, em Roma, são tão atraentes, como medir com o olhar a longa linha perpendicular dos canos que, das janelas habitadas do palácio, com as suas varandas em sacada, cortinados de musselina, gaiolas para os pássaros, chega até à obra construída, áspera e irregular, da época republicana.

No Fórum propriamente dito, o sublime desaparece novamente, apesar de o recente alargamento das pesquisas arqueológicas nos oferecer novas possibilidades de que volte a emergir. Não há nada, em Roma, que melhor ajude a vossa fantasia a levar a cabo um mais rigoroso voo no passado, do que estarem tranquilamente apoiados, num dia de sol, nas barreiras que delimitam a grande área central das escavações. Quando param naquele lugar, ver o mundo antigo, materialmente trazido à luz, transformado pela pá, de dado cronológico abstracto e inacessível, em objecto com matéria e com volume, "conta-vos" mais coisas do que quantas possam enumerar.[11]

A nossa Roma já não é a pequena povoação pastoril do velho Evandro, grávida de um futuro que é já, em parte, passado; a Roma conquistadora da República desempenhou o seu papel; a desvairada capital dos primeiros Césares tende, por si mesma, a tornar-se circumspecta; outras Romas virão, de que mal posso imaginar a fisionomia, mas para cuja formação terei contribuído. Quando visitava as cidades antigas, santas, mas findas, sem valor presente para a raça humana, comprometia-me perante mim mesmo a evitar que a minha Roma tivesse o destino petrificado de uma Tebas, uma Babilónia ou uma Tiro. Salvar-se-ia do seu destino de pedra; construiria para si, com a palavra Estado, a palavra cidadania, a palavra república, uma imortalidade mais segura. [...] Aos corpos físicos das nações e das raças, aos acidentes da geografia e da história, às exigências discordantes dos deuses ou dos antepassados teríamos sobreposto para sempre, mas sem destrutir nada, a unidade de uma conduta humana, o empirismo de uma sábia experiência. Roma perpetuar-se-ia na mais pequena cidade onde os magistrados se esforçassem por verificar os pesos dos negociantes, limpar e iluminar as ruas, opor-se à desordem, à incúria, ao medo, à injustiça, e reinterpretar razoavelmente as leis. Assim, só decairia com a última cidade dos homens.

[...] Roma. O cadinho, mas também a fornalha e o metal em ebulição, o martelo, mas também a bigorna, a prova visível das mudanças e dos recomeços da História, um dos lugares do mundo onde o homem terá mais tumultuosamente vivido. [...] Pensava também, com uma espécie de terror sagrado, nos grandes incêndios do futuro. Estes milhões de vidas passadas, presentes e futuras, estes edifícios recentes, nascidos de edifícios antigos e seguidos, eles próprios, de edifícios que hão-de nascer, parecia-me sucederem-se no tempo como vagas; por acaso era a meus pés que naquela noite essa grande ondulação vinha quebrar-se. [...] O enorme escolho avistado ao longe na sombra, a base gigantesca do meu túmulo que principiavam nesse momento a erigir nas margens do Tibre, não me inspirava nem temor, nem pena, nem vã meditação sobre a brevidade da vida.[12]

Por ora, apenas experimentámos o sabor do sentido do título e, portanto, do que tenho para dizer. Antes de olhar, mais de perto, a ideia de Roma enquanto sistema vivente de ruínas, uma ideia paradoxal, mas, como espero ter mostrado, dotada de algum sentido, será conveniente dar um passo atrás. Diria mais, um passo tanto quanto possível para trás, até às origens desse sistema, um lugar onde ainda não existiam ruínas, mas fundações.

Roma tem uma origem que alguns estudiosos reputam não ter fundamento, representando a sua fundação, pelo contrário, um verdadeiro e próprio afundamento dentro da estrutura dos séculos e da tradição das antigas fundações urbanas. Foi fundada com rituais pura e deliberadamente repetitivos[13]. Caím, assassino do próprio irmão, é apresentado, na Bíblia, como fundador originário das cidades[14]. Rómulo, o fundador de Roma, tinha acabado de matar o seu irmão. O reino do homem, em ambas as tradições fundamentais da nossa civilização, baseia-se no fratricídio, um delito que corresponde à transgressão máxima, a seguir ao homicídio do pai, e sobre o qual se institui, todavia, a ordem cósmica.

A ordem mundana parte, pois, de um homicídio e de uma fundação. Mas, enquanto que, por um lado,

Caím e Nemrod, segundo a Bíblia, dão origem a cidades malditas e perdidas, como Henoc, Arac, Acad, Assur, Ninive e a Babilónia[15], todas elas inimigas de Jerusalém, a cidade de Deus, real e celeste, por outro lado, Rômulo funda a cidade eterna dos humanos. O centro do mundo bíblico era Jerusalém, o centro do centro era o Templo, e no centro do Templo havia uma cela vazia[16]. O centro do mundo romano era o Pantéon, para onde Adriano convocou todos os deuses, nas ruínas do Templo de Agripa, a fim de que convivessem com todos os humanos. De um lado, o abismo vazio para além do qual há [um] Deus, do outro lado, a fervilhante pluralidade, não finita, dos deuses. Como disse Cláudio Rutílio Namaciano, Roma

[...] mãe dos homens e mãe dos deuses

[...]

Fizeste de diversas gentes uma pátria

[...]

Fizeste uma urbe, do que antes era a orbe.[17]

Roma é a interrogação vivente e superante da inimizade entre a Babilónia e Jerusalém. Roma fica para lá, quer de Jerusalém, quer da Babilónia. Assinala, sobre a terra, o advento e a persistência do secular, como o cantou Horácio no Carmen que lhe pediu Augusto, em 17 a. C. E Roma não só sara, mas salva, conforme também o viu o extraordinário olhar de Henry James:

Roma, para onde nos dirigíamos todos juntos, com a sua esplêndida e maravilhosa atmosfera, salvava todas as coisas, estendendo até bem longe a sua ampla asa, sem usar outra coisa, se não o grandioso dom que se lhe atribui, e que guarda o segredo da salvação.[18]

Roma é o lugar da maior exposição, fundada, vivida, vivente, do império do homem. Um império feito de tempo, sentido, guerras, ruínas, edifícios, estradas, oriente e ocidente, mediterrâneo, cruzamento, tempo, vestígios, ruína, sobrevivência, história. Roma, contudo, é também, contemporaneamente, a sede visível da igreja invisível de Cristo vivente, "o Vaticano moderador do mundo", como lhe chama Alessandro Verri. Um segredo e um mistério que há dois mil anos nos atormentam[19]. E a eternidade religiosa de Roma é fundada, por sua vez, sobre um poder temporal que é fruto de uma falsificação, a Doação de Constantino. Roma é sede do eterno, enxertado no terreno por um homicídio e por uma mentira.

O passo atrás até à origem do sistema, apesar de muito apressado, mostrou-nos que a fundação da cidade eterna dos humanos, "urbs caput mundi", é, desde então, a imposição, o império, o estabelecimento de uma ordem, a ordem dos mortais. O impor-se (o "Ge-stellen", diria Heidegger) da "urbs" no "orbis". O sistema de ruínas é, pois, a tradição vivente e sobrevivente de todos os vestígios, a partir dos vestígios iniciais do sulco com que Rômulo trespassou a terra das sete colinas. É a organização, fluida, móvel e temporal, da persistência e da eternidade das obras humanas, dos edifícios que se salvam da morte através do reuso incessante do que deles resta, para quem os continuou a viver como a própria cidade, e os continuou a habitar. Podemos-nos, então, aproximar da ideia de Roma como sistema vivente das ruínas, para explorar, mais intimamente, a sua figura de sistematicidade evidente. Concentrarei a ilustração dessa evidência sistemática através da exposição de quatro características distintivas:

1. A primeira é dada pela presença, estratificada e simultânea, no "tecido" urbano, dos vestígios das várias Romas. A cidade configura-se como sistema simultâneo vivente de todas as suas precedências. Essa simultaneidade estratificada é sustida sistematicamente. Se não tivesse uma vida própria e um princípio organizador, não poderia manter, conter e transmitir, aumentando-os continuamente, todos os

vestígios que lhe são próprios, juntos e eternamente. Se assim não fosse, seriam desde sempre, e para sempre, confundidos, dispersos, estilhaçados, abandonados, mortos e embalsamados, como nas cidades mortas, Babilónia, Persépolis, Sippar, Berenice, Cartago, Paestum, Petra, Ninfa, desertos de ruínas, ruínas desertas[20]. Para se manter sistematicamente em vida, Roma tinha de se comportar, literalmente, e comportou-se mesmo, como um sistema vivente e complexo. É, pois, um sistema, na mesma acepção em que dizemos que um organismo se pode definir como um "sistema aberto", de acordo com as sugestões que nos oferece aquela espécie de superciência do século XX que, da biologia à ordem da inteligência artificial, estuda o mundo do ponto de vista da teoria dos sistemas e da complexidade.

2. A segunda característica da sistematicidade é dada por aquela a que chamamos a propriedade das ruínas. Consiste no facto de Roma ser reconhecível, precisamente, através da sua totalidade de sistema vivente de precedentes sobrevivências. Essas precedências são sua propriedade, no sentido em que é através delas que Roma se apropria de si, identificando-se, como acontece nos processos psicológicos do indivíduo humano, e, portanto, tornando-se também reconhecível pelo olhar exterior. A propriedade é, então, à letra, o seu bilhete de identidade. Não só. Essa propriedade não se esgota na autoidentificação, como condição de uma ulterior reconhecibilidade universal, mas testemunha o indubitável facto de que as ruínas que Roma contém são as próprias ruínas, as próprias ruínas de si, da própria história não-acabada. Tal como cada um de nós, viventes, mortais, inteligentes, traz dentro de si, e faz, continuamente, reviver as "ruínas" do próprio destino e da própria história ainda-não-acabada. E mais, as ruínas de Roma são-lhe próprias, porque todas as ruínas se lhe tornaram próprias, também aquelas causadas ou importadas por outros. Roma não contém ruínas alheias (como Paris, Trevisir, Túnis, Istambul, Turim), mas é a recolha vivente de todas as ruínas apropriadas, total, originária e, finalmente, apropriadas. Enfim, a propriedade dessas ruínas não é de ninguém, em particular, e é de todos os cidadãos do mundo, em geral, sendo Roma sede capital do mundo, e, embora tivesse deixado de ser centro do espaço, é o centro final de todas as estradas do tempo.

3. A terceira característica é aquela, à qual já profusamente aludimos, de Roma como sistematicidade totalizante aberta e transcendente da sobrevivência. A cidade é eterna porque vive e faz viver as próprias ruínas, mas não é uma ruína.

4. A última característica distintiva da sistematicidade é dada pela visibilidade espectacular que a cidade proporciona, quer ao próprio cidadão que a habita, quer ao turista, na vivencialidade e na fruibilidade que designámos como sendo suas propriedades. Em Roma, não há apenas lugares eleitos para visitar, onde esteja guardada a espectacularidade do passado (o Louvre, o Prado, o Hermitage, o British Museum, o Kremlin, etc.). Pelo contrário, oferece-se inteirinha como "lugar eleito" de exposição dos feitos históricos dos humanos, na forma "eterna" da "urbs", como sistema habitacional, cultural e estético. Contudo, Roma é também uma cidade que definimos, e vivemos, como caótica, entupida de trânsito, até invivível, e que, muitas vezes, com razão, nos faz desesperar, por a querermos transformar numa capital "verdadeiramente moderna". Como podemos, então, pensar que corresponda ao máximo da fruibilidade estética da história, se representa, também, o máximo do mal-estar urbano ocidental? O nosso mestre e amigo, Gioacchino Belli, em 23 de Março de 1834, ajudou-nos, uma vez mais, a responder: não se pode separar a Roma antiga da Roma moderna. Nela, só se pode viver, sendo vivente. O que significa, da mesma feita, que os ditos problemas urbanísticos e administrativos da Roma actual só podem ser iluminados, quando não conduzidos a uma solução, de dentro e a partir do espírito que considera, "imagina" e respeita a cidade como um sistema eterno vivente[21].

Depois da apresentação sintética das características distintivas da sistematicidade vivente de Roma, devemos passar às conclusões.

Foi posto em evidência o "topos" retórico de Roma como "cidade eterna", conforme sempre tem vindo a ser apresentado na tradição ocidental. Chegados a este ponto, estamos em condições de afirmar que o carácter essencial de uma tal eternidade coincide — é a mesma coisa — com a sua figura sintética de sistema vivente e persistente das ruínas e com a dupla imagem delituosa do fraticídio e da falsificação, da troca do mito de fundação com as "astúcias" da história.

A eternidade de Roma, portanto, na forma que, para nós, é cognoscível e vivível no nosso tempo, "hic

et nunc", já não é, nem é só, o produto, hoje estereotipado, de uma tradição alimentada, sempre e de vários modos, ao longo dos séculos, mas aparece-nos como uma soberana e imperial figura de retórica que, finalmente, para nós, mesmo para nós, expõe e revela, perfeitamente, a própria materialidade alegórica.

A esses não imponho limites no poder nem no tempo:

sem fim é o império que lhes dei. [...] [22]

A eternidade de Roma consiste, sabemos-lo agora, no facto de ser, esta cidade, um sistema de ruínas vivido, que foi vivido, está a ser vivido, será vivido e será re-arranjado, incessantemente, até ao fim do tempo humano. Roma é eterna porque vive de / pelo / além do passado. É um ecossistema artificial, arqueológico, simultâneo, estratificado sem-fim, diverso, duplo (pagão / cristão), triplo (italiano), múltiplo ("caput mundi"). Um vivente que transporta consigo os próprios antecedentes e os próprios delitos. Nós, "cives romani", somos a sua actual eternidade e a sua reproposta arruinante, a sua eterna ruína.

Sigmund Freud, naquele ensaio capital sobre o mal-estar da civilização, escrito em 1930, ao descrever a contínua luta, ao longo do processo da civilização humana, entre Eros e Tánatos, recorre precisamente, a certo ponto, ao exemplo de Roma e das suas ruínas sobrepostas, para lançar uma luz sobre os mecanismos da vida do inconsciente. Depois, estranhamente, abandona essa "comparação", ou "exemplo", essa hipótese fantástica. Retomamo-la a partir dessa sua interpretação, para a reconsiderarmos no espírito de quanto foi, magnificamente, dito, por Robert Schumann, em 1834:

Não é suficiente que o jovem elabore a velha forma clássica dos mestres do seu espírito. É também necessário que a elabore no seu. [23]

E relacionemos a reflexão acerca de Roma, tal como se tem vindo a desenvolver, com a reflexão sobre o destino da nossa actual civilização.

O grande médico vienense concluía o seu texto sobre o mal-estar da civilização com estas palavras:

Os homens, actualmente, estenderam tanto o seu poder sobre as forças naturais que, tirando partido delas, seria fácil extirparem-se uns aos outros, até ao último homem. Sabem-no bem, donde decorre boa parte da inquietude, da infelicidade e da apreensão do presente. E, então, é de esperar que a outra das duas potências celestes, o Eros eterno, faça um esforço para se afirmar, na luta com o seu adversário, também imortal. Mas quem poderá prever se terá sucesso, e qual será o seu êxito? [24]

Esta última frase foi acrescentada por Freud em 1931, quando os acontecimentos políticos da Europa ostentavam uma face deveras ameaçadora. Talvez ainda hoje, não saibamos responder àquela terrível pergunta que nos continua a trespassar, tendo atravessado os horrores de Auschwitz, de Hiroshima, do Vietname, do terrorismo homicida dos nossos anos mais recentes, da Guerra do Golfo. Mas nós, que vivemos em Roma, temos uma esperança a mais, na qual empenhamos os nossos destinos e as nossas inteligências, e através da qual deles damos prova.

Há uma antiga lenda que transmite a mítica história segundo a qual Roma possui um nome secreto que ninguém deve conhecer, até ao fim dos tempos. Se esse nome secreto é o nome de Roma, como há quem defenda, é o nome de Roma lido ao contrário, Amor, e, se esta cidade representa o eterno do humano, é mesmo aqui que, aquilo a que Freud chama o Eros eterno, o eterno Amor "che muove il cielo e l'altre stelle", "que move o céu e as outras estrelas" [25], trava a sua luta celeste e terrestre contra a eterna destruição, a negra face imortal da morte, e contra a destruição da vulgaridade e da ignorância, a suja face mortal do poder. Não imortal e negra, mas barulhenta e rutilante, caótica e ignóbil. Aquela

destruição que pensa ser história e progresso, mas é só pestilência e esquecimento, degradação e falta de piedade e de alegria. Só uma vitória de Amor sobre Roma poderá mudar a dupla imagem dos delitos fundamentais, numa civilização reconciliada. E é uma tarefa completamente em aberto. No "estaleiro das sobrevivências", das contaminações e das transformações interculturais que é o nosso mundo de hoje, a imagem e a realidade de Roma são, talvez ainda uma vez mais, o "signum orbis". Cidade sempre estaleiro de sobrevivências e de contaminações, de realidades mistas e transformadas, de piedade histórica e de destruição, de centralidade e de marginalização. Como o seu nome duplo.
Referência Bibliográfica

*Editado em Leonardo express, organização de Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e|d|arq, 2004, pp. 61-83.

[1] Bastará pensar no mito ocidental da cidade utópica, sistema perfeito e sintético da mundanização da Terra. Pensar e estudar a cidade como sistema é, contudo, um modelo que, actualmente, se tornou canónico para especialistas da Antiguidade, urbanistas e cientistas sociais. Um magnífico exemplo desse tipo de pesquisa é oferecido pelo volume de Corrado Maltese, *Roma consumata. Dall'urbanistica all'ecologia*, Roma, Il Bargato, 1986.

[2] Recordado por Philippe Minguet em, "Il gusto delle rovine", artigo que abre o fascículo da Rivista di Estetica (8, 1981) inteiramente dedicado ao tema "Estetiche e rovine".

[3] A imagem encontra-se no final do famoso conto-parábola de Kafka, *Eine kaiserliche Botschaft*, Uma mensagem do Imperador.

[4] "Celeste corrispondenza d'amorosi sensi".

[5] Philippe Dubois, "Figures de ruine. Notes pour une esthétique de l'index": Rivista di Estetica, 8, 1981, p. 19.

[6] De republica 2.2, em Romana. Antologia da cultura latina, organizada e traduzida do original por Maria Helena da Rocha Pereira, Universidade de Coimbra, 4ª ed., 2000, p. 35 ("nostra autem res publica non unus esset ingenio sed multorum, nec una hominis vita sed aliquot constituta saeculis et aetatibus").

Todas as citações de textos traduzidos em Portugal são transcritas a partir dessa versão. Noutros casos, proceder-se-á à respectiva tradução. N. da t.

[7] "Questo singolare equilibrio fra la materia meccanica, pesante, che si oppone passiva alla pressione e la spiritualità formativa che preme verso l'alto e s'infrange nell'istante in cui la costruzione va in rovina. Infatti ciò non significa altro se non che le forze meramente naturali prendono a impadronirsi dell'opera umana: l'equazione fra natura e spirito rappresentata dall'edificio si sposta a vantaggio della natura. Questo spostamento si risolve in una tragicità cosmica, che a nostro sentire colloca ogni rovina nell'ombra della malinconia. Infatti ora la decadenza appare come la vendetta della natura per la violenza che lo spirito le ha arrecato formandola a propria immagine", *La rovina: Rivista di Estetica*, 8, 1981, pp. 121-127.

[8] "Circonda la rovina, [...] essa è la sede della vita dalla quale la vita ha preso congedo. [...] La rovina crea la forma presente di una vita passata, no in base ai suoi contenuti o ai suoi resti, bensì, in base al suo passato in quanto tale. Questo è anche il fascino delle antichità", *ib.*

[9] "'drent'ar monno ce sò dunque du'Rome?!' / ma solo una: antica e moderna".

[10] Os poetas, de Goethe a Swinburne, de Poe a Ady, sempre sentiram essa extraordinária persistência estratificada da presença. Basta citar, de entre os mais recentes e os menos conhecidos dos italianos, Guyla Illyés, o grande poeta úngaro do século XX: "Não decrépita / nem mutilada / jaz beleza / nas colunas abatidas. // Contorce-se, e basta. // Saúde imarescível! // Tensos os músculos

ainda e ainda / mas assim tu próprio, vês, / excitas-te, / ela combate ama / no último suspiro o tempo" ("Non decrepita / neppure mutila / giace beltà / nelle colonne abbattute. // Si divincola, e basta. // Salute immarescibile! // Tesi i muscoli ancora e ancora / ma così che tu stesso, vedi, / t'ecciti, / ella combatte ama / all'ultimo respiro il tempo.", trad. it. de Sauro Albisani, "Rovine romane", Europa, Venezia, Marsilio, 1986). E talvez seja em Roma que pensa Marco Polo, quando descreve Zaira a Kublai Kan: "É desta onda que refluí das recordações que a cidade se embebe como uma esponja e se dilata. Uma descrição de Zaira tal como é hoje deveria conter todo o passado de Zaira. Mas a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos [corrimãos] das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos postes das bandeiras, cada segmento marcado por sua vez de arranhões, riscos, cortes e entalhes.", trad. port. de José Colaço Barreiros, Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, Lisboa, Teorema, 2002, pp. 14-15 ("Di quest'onda che rifluisce dai ricordi la città s'imbeve come una spugna e si dilata: una descrizione di Zaira quale è oggi dovrebbe contenere tutto il passato di Zaira. Ma la città non dice il suo passato, lo contiene come le linee di una mano, scritto negli spigoli delle vie, nelle griglie delle finestre, negli scorrimano delle scale, nelle antenne dei parafulmini, nelle aste delle bandiere, ogni segmento rigato a sua volta di graffi, segheature, intagli, svirgole", *Le città invisibili*, Romanzi e racconti, edizione diretta da Claudio Milanini, a cura di Mario Barenghi e Bruno Falchetto, prefazione di Jean Starobinski, Milano, Mondadori, 1992, v. 2, p. 365).

[11] "Le vostre deluse speranze del sublime si ridestano, almeno in parte, passando al di là del palazzo e scegliendo a caso tra i due curvi declivi che scendono verso il Foro. Là vi potrete rendere conto che il piccolo edificio con gli stucchi non è altro che un'escrescenza moderna sorta sul poderoso bastione di un'architettura antica, i cui grandi blocchi di tufo poroso, che ne costituiscono la base, sembrano quasi ritornare alla primitiva, tirannica coesione con la roccia vergine. Vi è qualcosa di prodigioso e di bizzarro insieme nell'unione tra questa sovrastruttura delicata, la cui facciata a paragone si può considerare moderna, e le fondazioni venerande, profondamente radicate nel terreno; poche cose a Roma risultano attraenti quanto il misurare con lo sguardo la lunga linea perpendicolare delle tubature che dalle finestre abitate del palazzo, con i loro aggettanti balconi, le tende di mussola, le gabbie per gli uccelli, giunge fino all'opera muraria scabra e irregolare dell'epoca repubblicana.

Nel Foro propriamente detto il sublime scompare nuovamente, sebbene il recente ampliarsi delle ricerche archeologiche ci offra nuove possibilità perché riemerge. Non vi è nulla a Roma che aiuti la vostra fantasia a compiere un più rigoroso volo nel passato, quanto lo starsene tranquillamente appoggiati, in un giorno di sole, alle transenne che delimitano la grande area centrale degli scavi; quando vi fermate in quel luogo, il vedere il mondo antico materialmente portato alla luce dalla vanga trasformato, da dato cronologico astratto e inaccessibile, a oggetto di materia e di volume, vi 'racconta' più cose di quante ne possiate enumerare", Henry James, *Ore italiane*, a cura di Attilio Brilli, Milano, Garzanti, 1984, pp. 173-174.

[12] Trad. port. de Maria Lamas, Marguerite Yourcenar, *Memórias de Adriano*, seguido de *Apontamentos sobre as memórias de Adriano*, Lisboa, Ulisseia, 2000, pp. 97 e 144-145 ("La nostra Roma non è ormai più la borgata pastorale dei tempi di Evandro, culla di un avvenire che in parte è già passato; la Roma predatrice della Repubblica ha già svolto la sua funzione, la folle capitale dei primi Cesari tende già a rinsavire da sé; altre Rome verranno e io non so immaginarne il volto; ma avrò contribuito a formarlo. Quando visitavo le città antiche, città sacre, ma morte, senza alcun valore attuale per la razza umana, mi ripromettevo di evitare alla mia Roma quel destino pietrificato d'una Tebe, d'una Babilonia, d'una Tiro. Roma sarebbe sfuggita al suo colpo di pietra, e come Stato, come cittadinanza, come Repubblica, si sarebbe composta un'immortalità più sicura. [...] All'entità fisica delle nazioni e delle razze, agli accidenti della geografia e della storia, alle esigenze disparate degli dèi e degli avi, noi avremmo sovrapposto per sempre, pur senza nulla distruggere, l'unità di una condotta umana, l'empirismo di una saggia esperienza. Nella più piccola città, ovunque vi siano magistrati intenti a verificare i pesi dei mercanti, a spazzare e illuminare le strade, a opporsi all'anarchia, alla incuria, alle ingiustizie, alla paura, a interpretare le leggi al lume della ragione, lì Roma vivrà. Roma non perirà che con l'ultima città degli uomini.

[...] Roma: crogiolo e fornace al tempo stesso, metallo che ribolle; martello sì, ma anche incudine, prova visibile dei mutamenti e dei ricorsi della storia, uno dei luoghi al mondo in cui l'uomo avrà vissuto più

tumultuosamente. [...] Pensavo pure, con una sorta di terrore sacro, agli incendi dell'avvenire. Quei milioni di vite passate, presenti e future, quegli edifici recenti, nati su edifici antichi e seguiti a loro volta da edifici ancora da costruirsi, mi sembrava si susseguissero nel tempo, simili alle onde; per un caso, quella notte, gli immensi marosi venivano a infrangersi ai miei piedi. [...] Lo scoglio immane che si scorgeva in lontananza, nell'ombra, le mura gigantesche della mia tomba che cominciava a sorgere allora in riva al Tevere, non mi ispiravano né terrore, né rimpianto, né inani meditazioni sulla brevità della vita.", Memorie di Adriano, a cura di Lidia Storoni Mazzolani, Torino, Einaudi, 1984, pp. 106-107 e 161).

[13] Mario Perniola, *Transiti*, Bologna, Cappelli, 1985, em particular, p. 117. Sobre o "lugar" de Roma, escreveu um ensaio Christian Norberg-Schulz, trad. it. de Anna Maria Norberg-Schulz, em, *Genius loci*, Milano, Electa, 1979.

[14] Vd. E. Fuchs, "Babylone ou Jérusalem: la symbolique de la ville dans la tradition biblique": L'homme dans la ville, Lausanne, Payot, 1984. Santo Agostinho, no *De civitate Dei*, 15.17, diz, "Mas assim como Caím, (que significa posse), fundador da cidade terrestre [...] indica[m] que essa cidade tem um princípio e um fim terreno onde não é de esperar nada mais do que neste século se pode ver.", *A cidade de Deus*, tradução prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, v. 2, p. 1379 ("Cain, quod interpretatur possessio, terrenae conditor civitatis, [...] indicat istam civitatem et initium et finem habere terrenum, ubi nihil speratur amplius quam in hoc saeculo cerni potest").

[15] Vd. E. Fuchs, op. cit., p. 11. Nemrod, nos ditirambos de Nietzsche, é identificado com Zaratrusta: "Ó Zaratrusta, / crudelíssimo Nemrod!" ("O Zarathrustra, / crudelissimo Nimrod!", trad. it. de Giorgio Colli, *Ditirambi di Dioniso*, Milano, Adelphi, 1982, p. 39).

[16] Vd. E. Fuchs, op. cit., p. 13.

[17] "[...] Genitrix hominum Genitrisque deorum / [...] / Fecisti patriam diuersis gentibus unam / [...] / Urbem fecisti quod prius orbis erat.", *De redivo suo*, 51, 63 e 66.

[18] "Roma, verso la quale ci muovevamo tutti insieme, nella sua splendente e meravigliosa atmosfera, salvava ogni cosa, stendendo lontano la sua ampia ala e non usando altro che il grandioso dono che le si attribuisce, e che custodisce il segreto della salvezza", trad. it., *Ore italiane*, p. 275.

[19] *Ib.*, p. 173.

[20] Conforme já o tinham visto Dante, Petrarca e Tasso.

[21] Como defende Giulio Carlo Argan, "a Imaginação é a Providência dos laicos e Roma, esperemos, será, finalmente, laica, ou deixará de existir" ("L'immaginazione è la Provvidenza dei laici e Roma, speriamo, sarà finalmente laica, o non lo sarà più", *Roma interrotta*, Roma, Officina, 1978, p. 12).

[22] Virgílio, *En.* 1.278-279, em *Romana. Antologia da cultura latina*, p. 132 ("His ego nec metas rerum nec tempora pono: / imperium sine fine dedi [...]").

[23] "Non è sufficiente che il giovane elabori la vecchia forma classica dei maestri nel suo spirito; occorre anche elaborarla nel loro", *La musica romantica*, a cura di Luigi Ronga, Torino, Einaudi, 1982, p. 19.

[24] "Gli uomini adesso hanno esteso talmente il loro potere sulle forze naturali, che giovandosi di esse sarebbe facile sterminarsi a vicenda, fino all'ultimo uomo. Lo sanno, e da qui buona parte della loro presente inquietudine, infelicità, apprensione. E ora c'è da aspettarsi che l'altra delle due potenze celesti, l'Eros eterno, farà uno sforzo per affermarsi nella lotta con il suo avversario parimenti immortale. Ma chi può prevedere se avrà successo e quale sarà l'esito?"

[25] Cf. "l'amor che move il sole e l'altre stelle", verso final da *Commedia*, Par.33.145 ("o amor que move o sol e as mais estrelas", Vasco Graça Moura, *A "Divina comédia" de Dante Alighieri*, Lisboa, Bertrand, 1996, 2ª ed., p. 887).

Sobre o autor:

Armando Gnisci é professor associado de Literatura Comparada do Departamento de Italianística e Espetáculo da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade “La Sapienza” de Roma desde 1983, onde fundou a cátedra de Literatura Comparada. Além de fazer parte do conselho editorial de diversas revistas científicas, como, por exemplo, *Revue Internationale de Littérature Comparée*, *Forum Italicum*, *Cuadernos Dantescos*, *Slovak Review*, *Neohelicon*, *El hilo de la fábula* e *Rivista di Studi Ungheresi*, é diretor associado da *Comparative Literature and Culture WWWeb Journal* da Universidade de Purdue e gestor do Banco de dados sobre escritores migrantes- BASILI, da Universidade de Roma e editor da revista *Kúma*.

Site pessoal: <http://www.armandognisci.homestead.com/index.html>